
Histórias de vida de trabalho: uma proposta teórico-metodológica para o campo da Comunicação¹.

Naiana Rodrigues da Silva²
Universidade de São Paulo

Resumo

Neste artigo, a história de vida de trabalho é proposta como categoria de pesquisa de natureza qualitativa para a área de Comunicação e Trabalho. Para isso, a técnica de história de vida foi teorizada a partir de sua aplicação por tradições de pesquisas na Etnosociologia (BERTAUX, 1997); Psicologia Social (RIBEIRO, 2014) e Educação (JOSSO, 2007; PASSEGI; SOUZA, 2016). Essas abordagens contribuíram para a definição das histórias de vida de trabalho e de suas marcas epistemológicas e metódicas em consonância com o binômio teórico Comunicação e Trabalho (FÍGARO, 2009a).

Palavras-chave

Transdisciplinaridade; Comunicação e Trabalho; histórias de vida de trabalho.

1. O binômio teórico Comunicação e Trabalho

O contexto comunicacional contemporâneo marcado pela ampliação das possibilidades interativas em decorrência, sobretudo, do uso cotidiano de tecnologias móveis e ubíquas desafia os pesquisadores do campo a mobilizar novas articulações teóricas e metodológicas para compreender as dinâmicas comunicacionais, adentrando assim no terreno da transdisciplinaridade. “Transdisciplinaridade no estudo da comunicação não significa a dissolução de seus objetos nos das disciplinas sociais, mas a construção das articulações - mediações e intertextualidades - que fazem sua especificidade” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 220).

Expoente da corrente que ficou conhecida como estudos culturais latino-americanos, Martín-Barbero (1998) compreende a cultura a partir da comunicação e ancora a defesa de seu ponto de vista epistemológico na recepção, lugar a partir do qual é possível olhar para todo o processo de comunicação (a emissão, a recepção, a mensagem, o meio, o código e os efeitos).

¹Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: naianarodrigues@usp.br

No Brasil, os estudos de recepção forjam também pesquisas que se interessam pelo consumo cultural em outros espaços de mediação, para além do ambiente familiar protagonista dos estudos de recepção televisiva. As fábricas, os locais de trabalho, aparecem como espaços de mediações culturais que interessam ao campo da comunicação, lançando as bases para uma nova abordagem comunicacional que se centra no mundo do trabalho como um lugar de mediações culturais (FÍGARO, 2008). Para isso, Roseli Fígaro parte da perspectiva de que o campo da comunicação se dedica a compreender o processo comunicacional levando em consideração interações, sociabilidades, técnicas, práticas, tecnologias, educação, poder e desenvolvimento dos grupos sociais. Noção de estudo ampla que passa da teoria à empiria por meio da transdisciplinaridade e funda uma abordagem nova de investigação.

É na esteira dos estudos de recepção que Fígaro (2009) apresenta seu binômio teórico Comunicação e Trabalho. Para tal, ancora-se na centralidade da comunicação no mundo do trabalho e na centralidade do trabalho para a constituição social do homem, afinal, para o Marxismo, o trabalho dá existência material às mercadorias e tem um duplo caráter: é um valor em si e gera o valor de uso. A partir disso, Marx (2014) observa que a divisão social do trabalho nasce do reconhecimento da existência de diferentes trabalhos úteis que geram mercadorias com valores de uso e de troca também diferentes. Apesar de ser essa divisão social do trabalho que materializa as mercadorias, o autor adverte que ela existiria independentemente dos objetos mercadológicos.

O trabalho é, portanto, assumido como peça-chave no sistema capitalista e na crítica de Marx a esse mesmo sistema que, historicamente, investiu em condições sociais e técnicas para tornar o trabalho cada vez mais produtivo, mesmo que isso tenha um custo alto para os trabalhadores com a precarização das condições de trabalho; a flexibilização das situações de trabalho e a condição de servidão (ANTUNES, 2018).

O Marxismo é uma das correntes clássicas das Ciências Sociais, ao lado da positivista funcionalista (Durkheim) e da sociologia compreensiva (Weber), que orienta visões de mundo e oferece suporte teórico e metodológico para a compreensão da sociedade, é nele que Fígaro (2009) irá buscar não só uma de suas premissas de investigação – o trabalho como centralidade da vida em sociedade – mas amparo epistemológico e metodológico no materialismo histórico. A história e a cultura são abordadas pelo Marxismo sob uma perspectiva dialética, ou seja, são esmiuçadas a partir

da identificação de situações (materiais e ideais) em que se verifica um movimento de contradições que se opõem.

Essa apropriação da dialética enquanto método científico e do materialismo como teoria social já denotam o movimento transdisciplinar engendrado pela pesquisadora com o intuito de dar conta do aspecto comunicacional no mundo do trabalho. Considerando que a sociabilidade para ser forjada no mundo do trabalho precisa da comunicação, da linguagem, dessa forma, comunicação e trabalho andam *pari passu* e quando a comunicação se amplia, se transforma, repercute diretamente no trabalho.

Se fizermos um paralelo entre o pressuposto taylorista sobre o trabalho e as Teorias de Comunicação, verificaremos que ambos partem de conceitos similares sobre o sujeito. Na linha de produção existe um indivíduo. Aquele que executa a operação mensurada e padronizada por um outro. Para o Taylorismo a história pessoal, os valores, a cultura do indivíduo não interessam ao trabalho, eles devem ser obliterados. As operações mecanizadas devem interditar o pensamento. O homem é um operador. Para as Teorias de Comunicação, advindas das correntes teóricas acima descritas, o mesmo acontece. O fluxo de informação, o canal e o código são prioritários em relação aos sujeitos, tomados individualmente e separadamente de seu contexto sócio-histórico; ou então como massa incapaz de atitude crítica. O indivíduo tomado como massa ou como corpo biológico que responde a estímulos não pensa por si, é manipulado pelo poder que emana dos meios de comunicação (FIGARO, 2009a, p. 28).

Para considerar a comunicação e o trabalho como um binômio cuja relação não é de determinação e sim de complementaridade, Fígaro (2009) teve que se posicionar em termos epistemológicos no rol dos estudos de comunicação, distanciando-se assim das abordagens informacionais, midiacêntricas e semióticas, aproximando-se dos Estudos Culturais, e encontrando acolhida nos estudos de recepção. Fígaro (2009a) conversa, nos estudos em Comunicação e Trabalho, com a tradição da recepção, com a Análise do Discurso, com a Sociologia e com a Ergologia, lançando mão de diferentes articulações conceituais para compor uma abordagem teórica e metodológica que é transdisciplinar em sua gênese.

O percurso inédito traçado por Fígaro (2009a) reside na aproximação com a abordagem ergológica. Para a Ergologia, o trabalho é uma atividade humana. A ideia de atividade humana abarca a capacidade do homem de criar, planejar, memorizar e aprender. Essas dimensões compõem a atividade de trabalho e poderão ser observadas a partir de estudos *in loco* do trabalho ou apreendidas/narradas por meio de entrevistas com os trabalhadores. Fígaro (2009a) busca na Ergonomia esse interesse pela atividade de trabalho.

A Ergonomia de língua francesa deu expressiva colaboração para se pensar a atividade humana ao tomar como objeto de estudo o trabalho na indústria e nas organizações contemporâneas. Seus estudos verificaram que, entre o trabalho prescrito pelas normas antecedentes (manuais, regras de utilização de materiais e máquinas, divisão e organização do processo de trabalho) e o trabalho realmente realizado, no momento exato de sua realização, existe uma distância (lacuna) (FÍGARO, 2009a, p. 34).

Nessa lacuna entre a prescrição e a realidade, podem ser observados os imprevistos, o aleatório, a criatividade, aspectos a serem investigados pelos pesquisadores que adentrarem o mundo do trabalho, provendo-lhes recursos para construir movimentos que tentam entender os sujeitos no trabalho e as condições de trabalho, compreendidas aqui não só como condições ao exercício da atividade de trabalho, mas condições da existência do próprio trabalho e dos sujeitos.

A abordagem ergológica de comunicação e trabalho destaca a relação dialética existente entre o micro e o macrossocial. Esta perspectiva teórica propicia entender o trabalho em acepção ampla - como atividade humana - permite ao trabalhador e, portanto, ao sujeito ser de comunicação, ocupar o lugar que ele merece nas pesquisas (FÍGARO, 2009a, p. 38-39).

O sujeito que só alcançou um lugar privilegiado nas pesquisas em comunicação por meio dos estudos de recepção é o protagonista dos estudos em Comunicação e Trabalho. Um sujeito que trabalha comunicando, que comunica sobre o trabalho ou no trabalho. Para dar conta dessas diferentes articulações (comunicação como trabalho, comunicação sobre o trabalho e comunicação no trabalho), Fígaro (2009a) recorre, em suas pesquisas, a métodos quantitativos e qualitativos, como forma de apreender, por diferentes perspectivas, as dinâmicas do mundo do trabalho.

Em termos de técnicas de coleta de dados, etnografia, observação direta, aplicação de questionários e entrevista são alguns recursos metodológicos que auxiliam na entrada no mundo do trabalho e se completam com a interpretação dos dados realizada a partir dos referenciais da Análise do Discurso³ (FÍGARO, 2009a). Com esse compósito teórico-metodológico, Fígaro (2009a, p. 3) e os pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT)⁴, puderam realizar estudos empíricos com trabalhadores da comunicação. Por meio dessa articulação entre possibilidades teóricas e metodológicas diferentes, a abordagem em Comunicação e Trabalho transita com

³ O lugar da linguagem nos estudos em Comunicação e Trabalho difere da Linguística e da Pragmática. Aqui, a linguagem materializa relações, valores e ideologias que orientam a vida em sociedade (FÍGARO, 2009a) e forjam as subjetividades e identidades dos sujeitos sociais.

⁴ O CPCT é coordenado por Roseli Fígaro e está vinculado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

desenvoltura por outras áreas do saber em busca de contribuições que permitam investigar os sujeitos ao mesmo tempo trabalhadores e produtores simbólicos em um espaço de mediação complexo - o mundo do trabalho - que congrega lógicas econômicas, culturais, tecnológicas e institucionais em sintonia ou em confronto e, ao mesmo tempo, lugar de encontros, de afetos e de criatividade.

Diante do caráter transdisciplinar dos estudos em Comunicação e Trabalho e dos pressupostos que sustentam essa área como o olhar para o micro social, o enfoque nos sujeitos e a consideração do trabalho como atividade humana, mostra-se coerente acrescentar, ao repertório metodológico que fundamenta as pesquisas empíricas tecidas em torno desse binômio, uma técnica de coleta de dados que atende aos seus requisitos: a história de vida.

2. Histórias de vida como técnica de pesquisa

Um software, um aplicativo, um questionário e uma entrevista não são técnicas neutras de apreensão de informações, elas são orientadas de acordo com as finalidades da pesquisa e, sobretudo, com o referencial teórico que as sustenta e legitima. Thiollent (1980) evidencia que as técnicas de pesquisa são teorias em ato, pois “ao serem incorporadas à pesquisa sociológica, as mais ‘neutras’ técnicas funcionam como ‘teorias’ particulares relativas à representação do objeto investigado. Cada técnica contém instrumentos particulares cujo uso envolve pressupostos teóricos” (THIOLLENT, 1980, p. 44). Essa vinculação direta das técnicas aos aportes teóricos proporciona a apropriação de procedimentos técnicos que não sejam necessariamente originários do campo em que a pesquisa se dá, é o caso da história de vida, sustentada por pressupostos teóricos advindos das Ciências Sociais e da Antropologia, que a impedem de ser tida apenas como uma entrevista em profundidade e possibilitam sua apropriação por campos como Enfermagem, Educação, História, Psicologia, dentre outros.

As histórias de vida começaram a ser aplicadas de modo sistemático pela Escola de Chicago⁵, ainda nos anos 1920, e foram adaptadas a diferentes intentos nos Estados Unidos e na Europa.

As histórias de vida podem ser analisadas a partir de dois métodos de pesquisa. O primeiro é a vertente norte-americana que enfatiza os documentos pessoais (diários, correspondências, entre outros) e os métodos etnográficos (entrevistas informais e observação participante). Já os pesquisadores europeus preferem a

⁵ A Escola de Chicago se destacou pela realização de pesquisas empíricas por meio de métodos considerados à época inovadores.

coleta de narrativas orais, como entrevistas e os documentos necessários à reconstrução histórica de um fenômeno social ou cultural (PEREIRA, 2008, p. 68).

Fábio Pereira (2008) valeu-se da vertente europeia na construção de sua tese sobre as identidades dos jornalistas-intelectuais do Brasil tendo como suporte teórico o interacionismo simbólico e demonstrando assim a apropriação dessa técnica pelo campo da Comunicação. Nesse sentido, seu trabalho faz o mesmo uso da entrevista narrativa que a abordagem etnosociológica, para quem as histórias de vida visam apreender fatos específicos sobre um tipo de experiência vivida pelo sujeito-informante ou sobre a totalidade de sua experiência de vida (BERTAUX, 1997). Para a etnosociologia, as histórias ou relatos de vida, termo preferido por Daniel Bertaux, são consideradas uma técnica objetiva de conhecimento do mundo social do qual o sujeito faz parte. Para esse tipo de abordagem não interessa a particularidade, a idiosincrasia da narrativa do sujeito e sim como seu relato revela relações e estruturas sociais que inevitavelmente se entrelaçam com sua trajetória de vida.

Esta perspectiva es decididamente objetivista, em el sentido de que su finalidad no es tomar desde el interior los esquemas de representación o el sistema de valores de una persona aislada, ni siquiera de un grupo social, sino estudiar un fragmento particular de la realidad social-histórica, un objeto social; comprender cómo funciona y como se transforma, haciendo hincapé en las configuraciones de las relaciones sociales, los mecanismos, los procesos, lá lógica de acción que le caracteriza. Bajo este punto de vista, el recurso a los relatos de vida no excluye en absoluto el recurso a otras fuentes, como estadísticas, textos reglamentários, entrevistas con informadores situados en una posición ‘central’ u observación directa de los comportamientos (BERTAUX, 1997, p. 11).

A etnosociologia inspira-se nos métodos antropológicos para estudar problemas sociológicos. Consiste em investigações empíricas que buscam compreender as lógicas que regem um mundo social ou uma categoria de situação. Para Bertaux (1997), o mundo social se constrói em torno de uma atividade específica, com destaque para atividades profissionais, o que mostra a proximidade da perspectiva etnosociológica com a abordagem da Comunicação e Trabalho.

La hipótesis central de la perspectiva etnosociológica es que las lógicas que rigen el conjunto de un mundo social o mesocosmos se dan igualmente en cada uno de los microcosmos que lo componen: observando com atención uno solo, o mejor, vários de estos microcosmos, y por póco que se logre identificar las lógicas de acción, los mecanismos sociales, los procesos de reproducción y de transformación se deberían poder captar al menos algunas de las lógicas sociales del mesocosmos mismo. (BERTAUX, 1997, p. 18).

De acordo com essa hipótese, o mundo do trabalho seria o equivalente a um mundo social e as histórias de vida poderiam ganhar o estatuto de relatos de práticas de uma atividade (trabalho) dentro de um mundo social. E assim traçar um percurso metódico que vai do particular ao geral e por meio da recorrência de elementos entre um relato, uma história e outra é possível descrever, explicar um mundo social e formular conceitos e hipóteses sobre as práticas, as relações que se dão nesse mundo social (BERTAUX, 1997, p. 26). Apesar de não menosprezar a parcela de subjetividade contida nas histórias de vida, a etnosociologia prioriza a busca por indícios que revelem leis, lógicas de construção de um mundo social.

Enquanto a Etnosociologia está preocupada em ser objetiva, a Psicologia Social tenta equilibrar subjetividade e objetividade nos estudos de carreiras valendo-se da categoria histórias de vida de trabalho. Sob o viés da abordagem Socioconstrucionista, Ribeiro (2014, p.78) analisa a carreira, “entendida como um fenômeno psicossocial, através de suas dimensões constitutivas: projeto de vida de trabalho (planos de ação e construções identitárias) e trajetórias de vida de trabalho, de base teórica socioconstrucionista”. Nessa proposta, a carreira psicossocial pode ser compreendida a partir das narrativas das vidas de trabalho dos sujeitos. Essas narrativas darão corpo às histórias de vida, aos enredos de vida e aos temas de vida.

As histórias de vida representam o que aconteceu na vida de trabalho de dada pessoa, ou melhor dizendo, as narrativas das trajetórias de vida de trabalho como estratégias de articulação espaço-temporal das experiências de relação psicossocial com o mundo do trabalho. As histórias de vida se constroem através dos enredos e temas de vida. Os enredos de vida permitem a compreensão da linha de ação da trajetória de vida, ou seja, possibilitam explicar a estrutura e a dinâmica da trajetória de vida atribuindo sentidos aos movimentos da mesma. Enquanto que os temas de vida auxiliam na compreensão de um padrão de construção de sentidos de ação na relação com o mundo, identificando os eixos comuns desse processo (RIBEIRO, 2014, p. 125)

Os estudos de carreira na Psicologia do Trabalho, portanto, já se valem da expressão histórias de vida de trabalho como técnica de coleta e categoria analítica com o adendo relevante de que a carreira e seus elementos constitutivos, dos quais a história de vida é um deles, não são investigados apenas com uma finalidade subjetiva, de verificar o amálgama entre a vocação e os rumos da carreira dos sujeitos, mas sim sob uma perspectiva relacional, que, conforme Ribeiro (2014), consiste na investigação das relações entre o psicológico e o social no mundo do trabalho. Essa abordagem relacional dedica-se assim à investigação do cotidiano dos sujeitos no mundo do trabalho por meio

da narrativa das experiências vividas ao longo do tempo, capazes de revelar os sentidos, os significados correntes no mundo do trabalho, apontando para rupturas e permanências de práticas e para as construções identitárias dos indivíduos vinculadas ao trabalho.

Em uma direção convergente, as histórias de vida aparecem no campo da Educação nos estudos de narrativas (auto) biográficas. Essas investigações lançam mão tanto de entrevistas narrativas quanto da análise de documentos e valem-se de uma terminologia diferente para se dedicar, sobretudo, à formação de professores.

A referência ao biográfico (escrita da vida) é mais sugestiva da ação do sujeito que a denominação *histórias de vida*. Pineau (2006) justifica sua opção por *histórias de vida* para evitar o peso etimológico de *grafia* (escrita) e extrapolar os limites do espaço interior do *auto* (eu), sendo a vida (*bios*) uma das dimensões essenciais do sujeito. (...) Como se pode observar, no Brasil, consagrou-se a expressão *pesquisa (auto)biográfica* com o (auto) entre parênteses, contrariamente as demais denominações que evitam a presença do eu (auto) (PASSEGI; SOUZA, 2016, p. 15-16).

Diante dos pressupostos teóricos que orientam as pesquisas em Educação, a expressão (auto) biografia se apresentou mais fidedigna ao projeto epistemológico, teórico e metodológico do campo do que a expressão história de vida. Esse movimento (auto) biográfico, no Brasil, ancora-se em uma tradição de estudos biográficos europeus no campo da Educação e se aproxima das reflexões biográficas na seara da Literatura e crítica literária. Essas interfaces originam quatro correntes de estudos em narrativas (auto) biográficas:

A primeira considera as narrativas autobiográfica como um fenômeno antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma (Souza, 2006a). Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (*bios*) (PASSEGI; SOUZA, 2016, p. 10).

As pesquisas em narrativas (auto) biográficas remetem às investigações socioeducativas que exploravam histórias de vida em formação. Corrente da educação que, segundo Passegi e Souza (2016, p. 16), “preocupa-se mais precisamente com a formação permanente do adulto e suas preocupações com o mundo do trabalho”. É interessante destacar que para a perspectiva socioeducativa, as narrativas de formação transformam os sujeitos que as constroem, pois o ato de narrar suas experiências impulsiona uma ação auto reflexiva que culmina em uma formação, um aprimoramento

enquanto ser social e educador. Daí a atribuição de pesquisa-ação que essas investigações carregam (PASSEGI; SOUZA; VICENTINI, 2011).

Atentas a como o homem se forma enquanto ente social e de trabalho, as histórias de vida em formação e as narrativas (auto) biográficas assentam-se sobre uma perspectiva epistemológica que traz de volta o sujeito empírico para a ciência, considerando suas experiências individuais (micro social) relevantes para a produção de conhecimento e encontra na linguagem, no discurso, na narrativa que parte desse próprio sujeito (PASSEGI; SOUZA, 2016) as materialidades a serem investigadas.

Diante da versatilidade das histórias de vida e de como essa técnica performa posturas teóricas provenientes de campos diversos, propomos a elaboração de um conceito que una técnica e teoria, o individual, o subjetivo e o social, um termo que carregue um sentido dialético em si mesmo. A expressão história de vida de trabalho aparece aqui como uma palavra-chave que marca a vinculação teórica ao binômio Comunicação e Trabalho e uma filiação epistemológica a tudo o que as histórias de vida representam enquanto técnica de pesquisa científica.

4. Histórias de vida de trabalho

A proposição aqui apresentada, mais do que reclamar uma posse da técnica de história de vida para o campo da Comunicação visa estabelecer os alicerces teóricos e metódicos sobre os quais as histórias de vida podem se assentar em pesquisas que versem sobre Comunicação e Trabalho. Para tanto, recorre-se a uma aproximação da técnica de história de vida tanto do ponto de vista etnosociológico, quanto da perspectiva da Educação e dos estudos de carreira com os preceitos da Comunicação e Trabalho.

Um primeiro marcador comum entre essas três abordagens é a pressuposição de que a linguagem é um elemento de constituição dos sujeitos e da sociedade e por meio dela é possível conhecer e transformar a si mesmo, o mundo e os outros. Para a Comunicação e Trabalho, por meio da linguagem, é possível compreender as dinâmicas do mundo do trabalho, as contradições entre o prescrito pelas empresas e o praticado, vivido pelos trabalhadores. Aqui, tem-se um encontro também entre as três abordagens por meio da valorização do sujeito, assim como de seus sentimentos, inventividade e posições ideológicas.

Apesar de a Comunicação e Trabalho preferir a expressão *corpo-si* da abordagem ergológica, ela dá conta do que se atribui ao sujeito, à parcela da subjetividade na ciência.

Sujeito é um conceito muito desgastado na visão de Yves Schwartz e incapaz de revelar o que lhe é inerente. Por isso, adota *corpo-si*. *Corpo-si*, como físico que apreende o conjunto de forças que propicia a vida, a condição de Ser Vivo que se relaciona com seu meio físico. E *corpo-si* como história pessoal, a herança cultural, a consciência, a razão particular contida em cada ato (FÍGARO, 2009a, p. 36).

Não existe trabalho sem sujeito, assim como não há educação, sociedade e cultura sem sujeitos e, para a Comunicação e Trabalho, é exatamente no trabalho que esse sujeito ou *corpo-si* se realiza, toma consciência de si e da sociedade. A história é, portanto, o lugar (e o tempo) de encontro do *corpo-si* com o alter, do eu com o tu, do sujeito com o social, perspectiva essa que se aproxima dos preceitos relacionais aplicados aos estudos de carreira.

A história de vida no trabalho simboliza, portanto, a interrelação entre diferentes abordagens científicas sobre o sujeito em situação de trabalho, mas sobretudo, representa o encontro dialético entre a história pessoal, individual e a história de trabalho, que é indiscutivelmente coletiva e social. A história de vida de trabalho, portanto, só é possível por meio de uma ruptura com a epistemologia cartesiana, concebendo-se assim como um momento de conciliação, de fusão entre razão e emoção; sujeito e objeto científicos, afinal, “o sujeito do conhecimento quando estuda o social, um objeto social, está estudando também a si mesmo, pois o social é sua natureza” (LOPES, 2018)⁶.

O estudar a si mesmo na história de vida de trabalho não se restringe à relação do pesquisador que conduz os experimentos valendo-se dessa técnica, mas também ao participante da pesquisa que, como pontua Josso (2007), transforma a si mesmo ao entrar em contato com o ato de narrar sua própria história. Esse potencial reflexivo das histórias de vida em formação pode ser apropriado pelas histórias de vida de trabalho na medida em que elas contemplem também momentos da formação do trabalhador, que incluem a formação educacional acadêmica e/ou profissionalizante ou ainda situações de aprendizado do trabalho em contextos informais, por meio de partilhas do saber-fazer na interação, na troca de experiências com outros trabalhadores, situação essa que, particularmente, se faz possível pela comunicação no trabalho. Afinal, como lembra

⁶ Trecho proferido pela professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes durante aula de Metodologia em Comunicação, realizada no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, em 2018.

Fígaro (2018)⁷, “pensar a comunicação no trabalho é reconhecer que todo trabalho tem uma dimensão comunicacional”.

A comunicação no trabalho pode ser vista a partir das categorias de análise da Ergologia, que investiga os meandros da linguagem no trabalho, como trabalho e sobre o trabalho (NOUROUDINE, 2002). Nesse caso, quando a comunicação e a linguagem estiverem no cerne de uma relação de ensino e aprendizagem sobre o saber-fazer necessário ao trabalho, teríamos uma situação de comunicação que comportaria ao mesmo tempo tanto a linguagem sobre o trabalho como a linguagem no trabalho.

Daqui depreende-se que a história de vida de trabalho precisa:

- Tratar sobre as vivências/experiências no mundo do trabalho;
- Tratar sobre os aprendizados relativos ao saber-fazer para o trabalho.

Vale ressaltar que o trato das vivências no mundo do trabalho comporta também experiências em outras situações sociais, mas que repercutem no mundo do trabalho. Instâncias essas que Duraffourg (2007, p. 49), do ponto de vista ergológico, orienta a não serem confundidas nem separadas, pois são instâncias que se inter-relacionam. “Não se pode postular a independência da vida de trabalho em relação à vida pessoal; é um todo indissociável, em que todas as partes se comunicam de maneira permanente”. Pensamento esse de entrelaçamento entre vida de trabalho e vida fora do trabalho que é compartilhado por Dejours (1999), na Psicodinâmica do trabalho, e que Bertaux (1997, p. 87) frisa ao observar que cada sujeito tem várias vidas paralelas e a reconstrução do relato de vida tem como atividade a demarcação de pontos de conexão entre elas.

Do ponto de vista metodológico, tanto a Etnosociologia quanto os estudos de carreira psicossociais lançam mão da entrevista narrativa como acesso às histórias de vida. Ela deve permitir ao entrevistado liberdade para falar, cabendo ao pesquisador demonstrar interesse pelo que está sendo contado, afinal, o participante possui uma experiência social específica que interessa ao pesquisador (BERTAUX, 1997, pp. 64-66). E sobre as emoções que podem surgir durante a entrevista, Bertaux (1997, p. 69) observa que a carga emocional é uma carga de significados, estes que também são importantes para a abordagem socioconstrucionista de carreira, afinal, ela considera que nas histórias

⁷ Trecho proferido pela professora Roseli Fígaro, em sala de aula, durante encontros da disciplina Comunicação no mundo do trabalho: recepções e mediações, ministrada no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, da Escola de Comunicações e Artes, na Universidade de São Paulo, em 2018.

de vida de trabalho tem-se o encontro entre os significados sociais (discurso) e os sentidos pessoais (narrativa) (RIBEIRO, 2014).

No caso da história de vida de trabalho para a Comunicação e Trabalho, o sentimento, a carga emotiva e os sentidos que a ela se atrelam podem ser evocados pela narrativa de momentos ímpares da trajetória de trabalho, como entrada e saída do mundo do trabalho, mudanças de cargos e funções e momentos emblemáticos seja pelo sentimento de alegria e realização ou pelo de tristeza e derrota, afinal, se o mundo do trabalho é o “ambiente complexo onde se dão as relações mais conflituosas do ponto de vista da estrutura da sociedade de classes e do ponto de vista da tomada de posição social do sujeito” (FIGARO, 2009b, p. 3), as narrativas que nele transcorrem também são marcadas pela alternância de sentimentos, de posições sociais, de sentidos políticos e ideológicos.

Dessa forma, a história de vida de trabalho não se confunde com uma narrativa inspiracional a exemplo daquelas propagadas pelas mídias que reforçam os valores da cultura empreendedora e reafirmam o engajamento dos sujeitos ao capitalismo contemporâneo (CASAQUI, 2017). Ela é uma narrativa de vozes ordinárias no mundo do trabalho. Tem-se aqui mais uma inclinação que compete a esse conceito técnico: dar visibilidade a narrativas de sujeitos cujas vidas de tão prosaicas não lhes parecem interessantes, mas que exatamente por isso são capazes de dizer muito sobre as dinâmicas do mundo do trabalho. Como lembra Bertaux (1997, p. 46) acerca dos relatos de práticas, as histórias de vida revelam conflitos, relações de poder em uma organização ou mundo social. Uma história de vida pode conter todos esses elementos e atender assim aos anseios do binômio Comunicação e Trabalho.

É importante ainda lembrar que a história de vida de trabalho também pode ser associada a outras técnicas de coleta de dados, sendo viável sua adoção pelas pesquisas em Comunicação e Trabalho que costumam se valer de triangulações metodológicas para investigar seus objetos de estudo (FIGARO, 2014, p. 129). A história de vida de trabalho pode ser uma das técnicas da fase qualitativa de pesquisas em Comunicação e Trabalho. Claro que sua adoção não é mandatória para toda e qualquer pesquisa na área e está atrelada à problemática e aos objetivos do estudo em questão. Mas ela se presta também ao aporte interpretativo que a Comunicação e Trabalho costuma adotar: a Análise do Discurso.

Dentre as escolas e abordagens discursivas disponíveis, Fígaro (2009a) foi buscar em Michel Pechêux e Mikhail Bakhtin os alicerces analíticos para compreender os sentidos dos discursos dos trabalhadores. Esses dois autores se adequam aos objetivos de pesquisa da área exatamente por reabilitarem o sujeito e a história para a compreensão dos textos e, conseqüentemente, dos discursos. O discurso é o espaço dos interesses em disputa expressos por meio da linguagem. A sociedade pode até partilhar a mesma língua, contudo, ela não partilha de um único discurso. Afinal, a palavra é polissêmica e cada significado que carrega pode estar associado a uma visão de mundo, a uma ideologia diferente, compondo assim um discurso diferente.

Os discursos vão portanto, materializar as ‘visões de mundo’ das diferentes classes sociais, com seus interesses antagônicos, os quais se manifestam através de um estoque de palavras e de regras combinatórias que constituem a maneira de uma determinada classe social pensar o mundo num determinado momento histórico; são as várias formações discursivas ideológicas correspondentes às várias formações discursivas (BACCEGA, 1995, p. 52).

A Análise do Discurso enquanto campo teórico-metodológico emerge de uma articulação conceitual e metódica entre o Marxismo, a Psicanálise e a Linguística, propondo assim a teorização da sociedade e da história, do sujeito e da língua. As histórias de vida de trabalho oferecerão, portanto, o substrato sobre o qual a análise do discurso se debruçará em busca dos sentidos sociais, históricos, culturais e subjetivos do trabalhador. Essa parceria entre técnica e método interpretativo justifica-se também pelo fato de as histórias de vida serem uma realidade discursiva, pois como pontua Bertaux (1997, p. 76), as histórias de vida comportam três classes de realidade: uma realidade histórico-empírica, relativa ao itinerário biográfico do informante; uma realidade físico-semântica, que diz respeito a uma trama subjetiva de significados construída pelo informante a partir de suas experiências e uma realidade discursiva, composta pelos ditos do sujeito sobre seu próprio itinerário biográfico. Essas três realidades estão unidas e compõem o material verbal repleto de significados que serão articulados com o contexto sócio-histórico e com outros dados a partir da análise discursiva. E, assim, o sujeito será localizado, a partir de seu discurso, de suas palavras sobre sua trajetória de vida dentro do mundo social, no caso aqui referenciado, o mundo do trabalho.

5. Considerações finais

O esforço teórico empreendido nesse artigo teve como objetivo propor uma categoria de pesquisa de natureza qualitativa que se adeque aos estudos em Comunicação

e Trabalho respeitando as características e repertório referencial dessa área. Realizou-se, portanto, uma definição conceitual da categoria história de vida de trabalho a partir das tradições de aplicação da história de vida por outras áreas de conhecimento. A aplicação da história de vida de trabalho, portanto, é uma forma de atualizar os preceitos que compõem o binômio teórico Comunicação e Trabalho por meio das seguintes marcas:

- valorização do sujeito e da linguagem na produção de conhecimento;
- adequação a uma lógica metódica que parte do micro social para entender o macro social;
- foco nas vivências/experiências no mundo do trabalho;
- foco nos aprendizados relativos ao saber-fazer para o trabalho;
- escolha da entrevista narrativa como acesso aos dados;
- análise dialética do substrato verbal que compõe as histórias de vida de trabalho por meio da Análise do Discurso.

Dessa forma, espera-se contribuir para a ampliação e fortalecimento das pesquisas em Comunicação e Trabalho enfatizando sua abertura à diversidade de métodos, técnicas e de abordagens por meio do uso das histórias de vida de trabalho como categoria na investigação de doutorado em desenvolvimento intitulada “A aventura do trabalhador no mundo da comunicação: histórias de vida de trabalho de jornalistas egressos da Universidade Federal do Ceará”, vinculada ao Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), cujos objetivos são saber onde e como trabalham jovens jornalistas egressos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará e quais os sentidos do jornalismo para esses trabalhadores.

6. Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BACCEGA, Maria A. **Palavra e discurso. História e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 1997.

CASAQUI, Vander. Abordagem crítica da cultura da inspiração: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. In **E-Compós**, Revista da Associação da Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-Compós, Brasília, v.20, n.2, maio/ago. 2017.

DEJOURS, Christian. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho.** São Paulo: Fundap: EAESP/FGV, 1999.

DURAFFOURG, J.; DUC, M.; DURRIVE, Louis. O trabalho e o ponto de vista da atividade. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (Org.). **Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana.** 2. ed. Niterói: EdUFF, 2010. 47-87.

FÍGARO, Roseli. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. In **Revista Fronteiras – estudos midiáticos.** 16(2): 124-131 maio/agosto 2014.

_____. Estudo de Recepção e Ergologia: novos desafios teórico metodológicos. In **E-Compós, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-Compós,** Brasília, v.12, n.3, set./dez. 2009a.

_____. Comunicação e Trabalho: binômio teórico produtivo para as pesquisas de recepção. In **Mediaciones Sociales,** N. 4, I semestre 2009b, pp. 23-49.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In **Educação.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações. In: _____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Prefácio à 5ª edição castelhana incluída na reimpressão.

_____. **Ofício de cartógrafo.** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARX, Karl. **O Capital.** Crítica da economia política. Vol. I, livro Primeiro, O processo de produção do Capital. Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

NOUROUDINE, Abdallah. A linguagem: dispositivo revelador da complexidade do trabalho. In: SOUZA E SILVA, M. Cecília P., FAÍTA, D. (orgs.) **Linguagem e trabalho.** São Paulo: Cortez, 2002.

PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto) Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. In **Investigación Cualitativa,** 2(1) pp. 6-26, 2016.

PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paulo Perim. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. In **Educação em Revista.** Belo Horizonte, v.27, n. 01, p.369-386. abr. 2011.

PEREIRA, Fabio Henrique. **Os jornalistas-intelectuais no Brasil: identidade, práticas e transformação no mundo social.** Brasília: Programa de Pós-graduação em Comunicação. Tese de doutorado, 2008.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. **Carreiras: novo olhar socioconstrucionista para um mundo flexibilizado.** Curitiba: Juruá, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1980.